

LAMENTO POR UM FILHO

NICHOLAS WOLTERSTORFF

LAMENTO POR UM FILHO



Editora Ultimato
Viçosa, MG

LAMENTO POR UM FILHO
Categoria: Espiritualidade /Família

Copyright © 1987, Wm. B. Eerdmans Publishing Co.
Traduzido com permissão de Wm. B. Eerdmans Publishing
Co., Grand Rapids, Michigan, EUA

Primeira edição: Agosto de 1997
Tradução: Joel Tibúrcio de Sousa
Revisão: Bernadete Ribeiro / Enedina M. A. Sacramento
Projeto gráfico: Editora Ultimato

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

Wolterstorff, Nicholas

W869L Lamento por um filho / Nicholas Wolterstorff; tradução
1997 de Joel Tibúrcio de Souza. – Viçosa: Ultimato, 1997.
112p. ; 21 cm

Tradução de *Lament for a son*, c1987.

ISBN 85-86539-04-X

Tradução de: Run with the horses : the quest for life at its best

1. Crianças - Morte - Aspectos psicológicos. 2. Luto -
Aspectos psicológicos. 3. Pais e filhos. 4. Wolterstorff,
Nicholas - Narrativas pessoais. I. Título.

CDD. 19.ed. 155.937

CDD. 20.ed. 155.937

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
E-mail: ultimato@ultimato.com.br
www.ultimato.com.br

para Eric,
31 de janeiro de 1958 – 11 de junho de 1983
e para sua mãe, Claire
sua irmã, Amy
seus irmãos, Robert, Klass e Chistopher

“Não posso esperar para voltar às montanhas.”

ERW, em carta a JR

Prefácio à edição brasileira

Lamento... lamentos... quem não os tem? Eles podem ter nome de Eric, de Gustavo, de André... ou podem ser inomináveis! Mas estão sempre presentes nas nossas frágeis histórias de vida. É preciso coragem para identificá-los, pranteá-los de diferentes formas, reparti-lo com aqueles de alma sensível, submetê-los a Deus, para continuar a caminhada.

Por isso mesmo, o lamento de um sempre encontra eco na experiência de outros. Quando o Prof. Nicholas e sua esposa exprimiram de forma tão pungente a dor pela perda do filho, tornaram-se vetores dos sentimentos vividos por muitos de nós. São eles pessoas privilegiadas, capazes de dar voz àqueles em situação semelhante. Ao ler o livro parece inevitável a exclamação: “É isso que eu gostaria de dizer!” Foi assim conosco e temos certeza que o será com os leitores tocados por idêntica perda.

O autor é um jovem intelectual e filósofo, ainda desconhecido entre nós. Mas agora começamos a conhecê-lo pelo caminho do coração. Ele deixa que os sentimentos de pai ferido transbordem espontâneos, de uma forma expressiva e poética. Não teoriza sobre o sofrimento nem a morte, mas sobre tudo, ou quase tudo, que assoma à mente e ao espírito em momentos que tais recebem sua consideração. Alguém disse que ele pergunta como Jó o fez, encarando com honestidade as questões mais profundas da existência humana. O resultado é uma obra de arte.

Seu referencial não podia ser outro senão a mais genuína espiritualidade cristã. Os textos bíblicos aparecem de forma

inovadora e ganham significado especial porque atualizados num momento vital especialmente fértil. Assim, cada página transforma-se num salmo em que cabem expressões de tremenda humanidade, ao lado de manifestações da mais profunda fé. Não há uma divisão em capítulos ou tópicos, e sim um encadeamento de experiências e emoções, narradas com sutileza, em textos curtos que podem ser lidos em seqüência ou isoladamente. Ao final do livro encontramos algo inovador para o nosso cristianismo tão carente de manifestações lúdicas: um réquiem, expressão de tristeza e renovação de esperança.

Lamento... a vida não deveria ser assim! Não nos acomodamos diante da enormidade do estrago que a morte traz. Não será sempre assim! A nossa alma exulta na certeza da fé no Cristo ressurreto!

*Nélia e Joel Tibúrcio de Sousa
Sonia e Uriel Heckert*

Prefácio

Escrevi o que se segue para honrar nosso filho e irmão Eric, que morreu num acidente de alpinismo na Áustria em seu vigésimo quinto ano, e para dar voz à minha angústia. Embora seja estritamente pessoal, decidi agora publicá-lo, na esperança de que possa ajudar alguns daqueles que se encontram em companhia de pessoas que choram.

Nascido numa noite gelada em New Haven, ele morreu 25 anos depois, numa ladeira gelada, em Kaisergebirger. Carinhosamente o sepultamos sob o solo quente de junho. O algodão estava soltando as sementes de tufos brancos, embranquecendo o chão.

Eu caí em mim. Era ele que jazia na terra? Eu havia tocado sua face. A frieza dela ainda me empurrava para trás. A morte, eu sabia, era fria. A morte era silente. Mas ninguém havia mencionado que a candura dele acabou. Seu espírito havia partido, e ele abandonou a calidez e a atividade, e - sim - a bondade. Ele havia ido. “Eric, onde está você?” Mas eu não sou muito bom em separar corpo de pessoa. Talvez isso venha com a prática. Os cabelos vermelhos, as covinhas no rosto, a aparência de esquilo - isso era Eric.

O telefone chamou às 3:30 naquela tarde de domingo, ensolarada e brilhante. Nós tínhamos mandado o irmão mais novo de avião para passar o verão com ele.

“Sr. Wolterstorff?”

“Sim”.

“É o pai de Eric?”

“Sim”.

“Sr. Wolterstorff, eu tenho que lhe dar más notícias”.

“Sim”.

“Eric estava escalando nas montanhas e sofreu um acidente”.

“Sim”.

“Sr. Wolterstorff, eu tenho que lhe dizer, Eric morreu. Sr. Wolterstorff, o Sr. está aí? O Sr. precisa vir imediatamente. Sr. Wolterstorff, Eric morreu!”

Por três segundos eu senti a paz da resignação: braços estendidos, uma certa bambeza nas mãos, pacificamente oferecendo-o a alguém. Depois a dor - fria e ao mesmo tempo flamejante.

Ele era, como todos os nossos filhos, sempre sagaz e brilhante. Entrou na Faculdade com Mérito Nacional. Excelente em Ciências e Matemática, passava as férias de verão em programação de computadores. Decidiu-se por história da arte, em vez de ciência; ali, ele se sentiu entrar em contato com a humanidade. Ele próprio era um excelente artista, um bom papo, versado em música, se saía sempre muito bem.

Era um trabalhador aplicado, incapaz de perder seu tempo - talvez com exagero, pouco afeito até mesmo a tolerar interrupções, muito voltado para os seus objetivos, não muito inclinado ao humor. Evitava malbaratar o tempo, porque isso não encaixava em seus planos. Por outro lado, sabia agradecer. Era empreendedor, viajava em pensamento pelo mundo inteiro, não recusava um desafio, nem punha de lado a exploração de novos terrenos, inclinado a superestimar suas habilidades e força física. Aos dez anos ele quase se afogou, recusando-se a admitir que mal sabia nadar.

No Dia de Ação de Graças o pastor falou sobre a aquisição de um sentido de gratidão. Eric tinha uma visão agradecida - e ouvidos e mente. Não somente uma visão brilhante, mas de gratidão. Era uma pessoa de fé; uma vez, quando era pequeno - seis anos, talvez - numa viagem comigo ele perguntou: “papai, como é que nós sabemos que existe Deus?” Ele fez a pergunta, mas eu penso que ele nunca duvidou seriamente. Ele gostava de cultivar, na companhia de uma comunidade genuína. Ele morreu no Senhor.

Ele punha sua marca nas coisas. Eu me lembro da noção de “incape” do poeta Gerard Manley Hopkins: uma coisa tinha “incape”, para Hopkins, quando tinha um caráter definido. Em uma de suas cartas Hopkins fala da dor que ele sentiu quando uma árvore no jardim, cheia de dignidade, foi derrubada. Eric imprimia dignidade às coisas: a maneira como se vestia, cozinha,

apertava mãos, atendia o telefone. “E eu preferia morrer a assistir à destruição desses valores universais”.

Quando eu me irritava com ele, geralmente era por seu egocentrismo. Embora gastasse a maior parte de um verão ajudando a reconstruir as casas das vítimas de um furacão, ele se tornava enfadado quando eu o levava para ajudar a construir nossa cabana. Lembro-me de me surpreender quando, sem ser solicitado, ele alegremente ajudou a carregar nossas malas na estação de trem de Chicago, quando estava no início da adolescência.

Em seus últimos anos havia nele uma solidão, um ensimesmamento. O que lhe dava prazer eram amigos - amigos íntimos aos quais ele podia falar do que ele pensava, sentia e cria mais profundamente. Ele sempre almejou por aqueles momentos fugazes com os amigos, em que não há diferenças maiores entre eles. Ele viu seus velhos amigos buscando outros lugares e outros interesses, se casando. Seu anseio por intimidade o deixou solitário.

Ele era leal ao ponto de errar - muito rigoroso, às vezes duro e crítico, mal aceitava as mazelas humanas. Isso lhe trouxe problemas no relacionamento com as pessoas. Apesar disso, ele podia ser gentil e amável. Sua hospedeira em Munique contou como sua face se iluminou quando ele soube que seu irmão estaria com ele no verão. Ele aguardava com ansiedade os feriados com a família, e me disse uma vez como isso surpreendia seus amigos na escola.

E ele amava as montanhas, amava-as apaixonadamente. “Ubar alles”,¹ disse sua hospedeira. Isso não era bem verdade. Ele amava mais os amigos. Mas as montanhas o atraíam e chamavam de forma irresistível. Por mais que ele amasse a arte e as catedrais da Europa, ele amava mais as montanhas.

Seu amor foi sua morte.

* Mais que tudo, em alemão.